

O corpo-escritura de Nietzsche

Sandro Kobol Fornazari*

Resumo: Suscitado pela leitura de “Homem e estilo em Nietzsche” de Germán Meléndez, este artigo pretende indicar uma via de discussão sobre o ato de criação filosófica, tendo como perspectiva a reflexão nietzschiana sobre o tema. Reflete-se sobre as possibilidades de leitura de Nietzsche, na medida em que tomar contato com seus pensamentos seria ser atravessado pela tensão de seu corpo-escritura.

Palavras-chave: corpo – estilo – filosofia – “estado de fato”

“Ricardo Reis tem uma curiosidade para satisfazer, [e pergunta a Fernando Pessoa,] Quem estiver a olhar para nós, a quem é que vê, a si ou a mim, Vê-o a si, ou melhor, vê um vulto que não é você nem eu, Uma soma de nós ambos dividida por dois, Não, diria antes que o produto da multiplicação de um pelo outro, Existe essa aritmética, Dois, sejam eles quem forem, não se somam, multiplicam-se.” (O Ano da Morte de Ricardo Reis, José Saramago).

Escrever, exprimir “estados internos” ou “estados de fato”, dar à expressão uma multiplicidade que atravessa o corpo, ou melhor, que é o corpo, fazer-se palavra. Processo involuntário de identificação entre mundo e linguagem, o que se faz palavra é o efetivar-se

* Doutorando em Filosofia pela Universidade de São Paulo.

da existência, carne que se faz verbo, corrigindo a narrativa do evangelho de João¹. O estilo de Nietzsche, mais propriamente, os estilos de Nietzsche são o resultado desses trasbordamentos de forças que buscam a cada vez estender sua potência.

Escreve Nietzsche em *Ecce Homo*: “Ouve-se, não se procura; toma-se, não se pergunta quem dá; um pensamento reluz como relâmpago, com necessidade, sem hesitação na forma – nunca tive aqui uma escolha.” (EH/EH, Assim Falava Zaratustra § 3). Não ter escolha é constatar a ilusão da subjetividade pura, do intelecto “alheio ao tempo e à dor” (GM/GM III § 12), na medida em que o pensamento é exatamente tempo e dor, “vivências” corporais como suas condições de possibilidade, “testemunho” da pluralidade de afetos, de olhares. Todo pensamento tem origem no corpo, no modo como este impõe exigências ao mundo ou, ao contrário, no modo como responde às ameaças com que se depara. O corpo, nunca é demais ressaltar, entendido como singular conformação de impulsos, organização provisória da multiplicidade sob uma determinada perspectiva. A palavra é expressão de uma vida ascendente ou de seu contrário, uma vida declinante, em fuga.

Mas o pensamento, que comumente identificamos ao conteúdo, é também forma, isto é, estilo. Poemas, aforismos, dissertações, autobiografia, cada estado de fato encontra sua adequada expressão estilística – também cada parágrafo, frase, palavra. Indissociáveis, portanto, pensamento (vida) e estilo (obra), um reenvia ao outro; antes de qualquer outra coisa, é pela forma que travamos contato com um conceito.

Germán Meléndez, com seu artigo “Homem e estilo em Nietzsche”, identifica algo mais, sumamente importante: o esforço de Nietzsche em mostrar que sua obra é a de um indivíduo inconfundível e, em contrapartida, que apenas através do contato direto com seu estilo é que se pode compreender corretamente seu pensamento. Nietzsche quer se fazer visível, quer mostrar quem são seus

escritos: daí o esforço prematuro de escrever aos 44 anos uma autobiografia (obviamente não sabia que não teria outra chance) em que assume o dever de declarar “eu sou tal e tal” (EH/EH, Prólogo § 1). Quando ali narra a história de *Assim Falava Zaratustra*, no capítulo ou subcapítulo dedicado a essa obra, Nietzsche não se refere a precusores, estudos, debates acadêmicos, refere-se sim a suas viagens e caminhadas em Surlei e pela Itália: Chiavari, Roma, Nice. Agilidade muscular e força criadora seriam indissociáveis para Nietzsche, só levava a sério pensamentos surgidos ao ar livre, nunca quando se estava sentado. Modos idiossincráticos de criação filosófica: assim se manifestava nele Nietzsche, e apenas nele, a possibilidade de uma vida afirmativa, o modo como seu corpo impunha suas exigências ao mundo, criando a si mesmo e à sua obra, ou sendo arrebatado por ela.

Nietzsche quer se fazer visível, mas sua luz mais própria, dirá Meléndez, mais que a história visceral do surgimento de seus escritos, é seu estilo, aquilo que o singulariza toda vez em que um pensamento se expressa, toma forma. Por isso, afirma, não se pode adequadamente compreender Nietzsche senão através de sua própria obra, de uma “leitura sem intermediários”, do contato com as múltiplas formas em que ela se apresenta. O estilo deixa claro qual é a perspectiva a partir de que se fala, por mais provisória que seja a unidade alcançada que originou tal perspectiva.

O próprio Nietzsche trabalha essa questão quando do anúncio do eterno retorno em *Assim Falava Zaratustra*. Em “O convalescente”, Zaratustra resolve finalmente desafiar seu pensamento do eterno retorno para que ele se pronuncie, depois de mais de uma vez haver recusado sua vinda. Antes que seja capaz de fazê-lo, contudo, vêm a ele o nojo e o desespero de saber que o homem não é passível de aperfeiçoamento, que é eterno também o retorno do pequeno homem (que nega e se ressentido da vida), e diante disso ser incapaz de superar o niilismo, a proclamação de que a vida não

vale a pena. Zaratustra cai enfermo e permanece um longo tempo em convalescença. Seus animais, a águia e a serpente, é que vão romper o silêncio incitando Zaratustra a cantar, a criar uma nova lira para novas canções. Cantar: tornar-se aquilo que ele é, ou seja, o mestre ensinador do eterno retorno. Criar uma nova lira: dar nova forma ao seu pensamento, criar para ele um estilo único. (Mas não é isso o que faz o próprio Nietzsche com seu *Zaratustra*, ou seja, criar uma forma nova de expressão filosófica que desse conta acima de tudo do pensamento do eterno retorno?)

Os animais roubam a palavra de Zaratustra e fazem eles mesmos o esperado anúncio, Zaratustra não está sadio o suficiente para isso. Ele deve ainda atravessar seu “grande silêncio” como estratégia de cura e fortalecimento, mas principalmente como ensejo para a criação de uma nova lira que lhe permitisse cantar em exaltação à vida e à eternidade.² Toda canção exige um instrumento adequado, mesmo Zaratustra tem de se tornar esse instrumento para ser capaz de abraçar seu pensamento do abismo. Do mesmo modo Nietzsche teve de se tornar *Assim Falava Zaratustra*, fazer-se palavra e estilo para expressar o eterno retorno de todas as coisas.

O artigo de Meléndez assume que é possível falar acerca de um tema qualquer em Nietzsche, mas por princípio não se pode prescindir da forma em que este assunto aparece em determinado local para termos um acesso adequado ao seu pensamento. Mas o autor de fato deixa transparecer que tal “acesso adequado” é justamente o contrário de uma mera “compreensão correta”.

Pois, se a obra de Nietzsche é expressão direta do “estado de fato” nietzschiano, corpo que se faz pensamentos, que dá a si mesmo novos contornos que extrapolam sua suposta organicidade, então ler Nietzsche não seria justamente ser atravessado pela mesma tensão que precipitou tais pensamentos? Se respondermos que sim, então ler Nietzsche ou escrever sobre ele não é apenas um “exercício de estilo”. Sua filosofia é o acontecimento Nietzsche, ou vários

acontecimentos Nietzsche, oportunidades para que uma dada hierarquia pulsional expanda sua potência, torne-se *visível e audível*. Ler ou escrever sobre Nietzsche, nesse sentido, é certas vezes mais que o compreender, é permitir que com ele se componham formas novas, estilos, é ensejar que com ele novos mundos (hierarquias) se expressem. A leitura que a filosofia de Nietzsche convida a que se faça de si exige a interferência daquele que lê com aquilo que está escrito, tocar e deixar-se tocar pelo corpo-escritura que ali se fez expressão, compor com ele uma nova multiplicidade. Não é outra coisa que faz Meléndez com seu artigo, seduzindo-nos a fazer o mesmo.

Abstract: Roused up by the reading of Germán Meléndez’s “Man and Style in Nietzsche”, this article aims at indicating a certain way to discuss the act of philosophical creation considering Nietzsche’s own reflection on the theme. It takes into consideration the possibilities of reading Nietzsche through the presupposition that making contact with his thoughts would mean to be crossed by the tension of its script-body.

Keywords: body – style – philosophy – “state of fact”

notas

¹ João 1, 14.

² Cf. *Za/ZA III O outro canto de dança e Za/ZA III Os sete selos*.

referências bibliográficas

1. FORNAZARI, Sandro K. “O grande silêncio de Zaratus-tra”. In: *Fragmentos de cultura*, Goiânia, UCG, nov/dez 2000.
2. MELÉNDEZ, Germán. “Homem e estilo em Nietzsche”. In: *Cadernos Nietzsche*, 11, 2001. São Paulo, Discurso Editorial.
3. NIETZSCHE, F. *Samtliche Werke Kritische Studienausgabe*. Edição de Colli e Montinari, 15 volumes. Berlim, Walter de Gruyter, 1988.
4. _____. *Obras Incompletas*. Tr. Rubens R. Torres Filho. São Paulo, Abril Cultural, 2.^a edição, 1978.